

ARCHIVO LITTERARIO

JORNAL FAMILIAR, VARIADO, CRITICO E RECREATIVO.



| ASSIGNATURAS: CÔRTE. | | PROPRIETARIOS | ASSIGNATURAS: PROVINCIAS. | |
|----------------------|--------|------------------------------------|---------------------------|--------|
| ANNO | 8\$000 | ANTONIO ARNALDO NOGUEIRA MOLARINHO | ANNO | 9\$000 |
| SEMESTRE | 4\$000 | ANTONIO JOSÉ CARNEIRO GUIMARÃES | SEMESTRE | 5\$000 |
| TRIMESTRE | 2\$500 | | TRIMESTRE | 3\$000 |

2.823
50

Publica-se todos os domingos. Recebem-se assignaturas nesta typographia—RUA DOS LATOZEIROS N. 34—e no escriptorio da Redacção, rua da Lampadoza n. 52. Recoebe todo e qualquer artigo litterario para ser publicado, uma vez approvados pela redacção.

ARCHIVO LITTERARIO.

RIO 13 DE SETEMBRO DE 1863.

E' sem fundamento algum o boato que circula, relativamente á desappareição do *Archivo Litterario*, por quanto nunca foi intenção nossa deixar desapparecer esta empreza envolta n'um crepe mortuario, como os que assim o desejão tem feito e continuão a propalar. A falta occasionada do dia 6, foi devido á desorganisação da sociedade que havia com o Sr. Francisco José Alves Guimarães; não obstante o mesmo senhor dizer que deixou de tomar parte do mesmo desde o dia 19 do mez proximo passado, dia em que sahio o primeiro numero: porém ninguém melhor do que o intelligente publico, poderá comprehender que tendo o mesmo senhor retirado o seu nome desde o dia acima determinado, como consentio que o mesmo sabbisse nos ns. 2 e 3, sem que até ahí annunciasse cousa alguma!... ao publico pois deixamos formular o juizo que melhor entender.

A sociedade que havia com o Sr. Francisco José Alves Guimarães, fica sendo substituida por Antonio José Carneiro Guimarães, como novo proprietario.

Quando dissemos no n. 2 *assim como angariamos offeicodas tambem obtivemos inimigos gratuitos*, tivemos razão para assim pensar: estes tem procurado por todos os modos desconceituar nosso jornal, que tão beneficemente foi acolhido e aceito pelo illustrado publico fluminense. A parte critica denominada a *aplestra* que tanto tem agradado e mere-

cido a benevolencia de nossos assignantes, não se occupando com vidas privadas, nem declinando os nomes das pessoas, e cujo fim é unicamente corrigir os erros praticados pela desmoralizada e corrompida sociedade; com tudo aquelles em cuja mente a par do despeito e desconfiança entra o ressentimento, julgando seu orgulho offendido, ei-los a canpo conspirados contra nós, e procurando desconceitua-lo para com o publico. Uma prova evidente appareceu no *Jornal do Commercio* do dia 31 do mez proximo passado, não sei se devemos dar-lhe o nome de poesia, porque a ser assim iremos profanar um sacro dom que Deus concedeu ao homem, para com a penna exprimir e descrever as artes; censura-la seria inutil; ao lêr tudo fica dito.

E' tão nogenta e asquerosa como o auctor que a escreveu: se nós julgássemos naquillo uma satyra ao *Archivo Litterario*, que mesmo sem assignatura fizéssemos uma allusão em abono de seu auctor, estariamos promptos a responder-lhe, porém achamos aquillo tao rasteiro, e abaixo da critica, que conhecendo nós seu auctor e por ali medindo os seus sentimentos, entendemos que não lhe deveriamos ligar a importancia que almejava, cruzando com elle nossa penna; jámais lançamos mão desta sem justiça, e como escriptor jámais a empunharemos sem consultar nossa consciencia.

Desprezamos as ameaças que nos fazem, assim como afugentamos aquelles que nos odeão; a par da energia temos a vontade e a força, para deixar de assim obrar: vergonha para nós se nos deixas-

semos dominar ou illudir por palavras vãs, e retrocedessemos no caminho que encetamos; quando o homem possui a animosidade do espirito, não encontra obstaculo algum que o faça retrogradar.

Se tivéssemos sido dotados ou mimosceados por Deus, com o genio e inspiração de *Voltaire* e *Boileau*, reproduziríamos nessa linguagem, alguns caracteres dignos de menção; não possuindo porém nenhum desses genios satyricos, com tudo acabaremos de construir esse edificio ao qual já demos principio.

Conforme dissemos no nosso n. 2, do n. 3 em diante, trataremos das biographias dos homens mais celebres, quer nas armas, nas letras ou industria; o que não fizemos no n. 3 julgando não deixar passar despercebido, a morte repentina e tragica do distincto artista brasileiro João Caetano dos Santos, que deixou em tantos corações gravado o infausto dia 14 de Agosto.

A redacção.

LITTERATURA

Os velhos retratos

NOVELLA

—Ah! o senhor é o herdeiro! exclamou ella com voz pausada; então vou previnir o tabellião.

—Com mil diabos! disse eu impacientado; tratemos primeiro do nos abrigar; entremos, senhora Felicidade.

—Desculpe-me; confiarão-me a guarda da casa, respondeu resolutamente a velha; quero salvar a minha responsabili-

dade. O Sr. pôde ali ficar; porque o Sr. Gaspar decidirá o que devo fazer.

E, sem esperar resposta, virou costas, e sumiu-se por uma viella.

Comecei então a andar por diferentes vezes os cem passos de terreno que ha em frente da minha herança. Ao cabo de meia hora, Felicidade tornou a apparecer, acompanhada por um homem gordo, corado, com oculos dourados, que se deu a conhecer como sendo o tabellião Gaspar, e a quem entreguei a carta que me tinha escripto, assim como os documentos comprovativos da identidade da minha pessoa. Depois de ter tomado conhecimento delles á luz de uma lanterna, quiz reconhecer bem se era eu a pessoa em questão, e ordenou que me deixassem entrar.

Durante estas formalidades, continuei a bater com as solas no chão afim de aquecer os pés, e a amaldiçoar, em voz baixa, os tabelliães de aldea. Quando a porta finalmente se abriu declarei seccamente ao senhor Gaspar, que no dia seguinte iria a sua casa para pôr as cousas todas em regra, e entrei precipitadamente para um escuro corredor, sem o convidar a que me seguisse.

A velha criada brevemente appareceu com a sua lanterna, e conduziu-me para um salão antigo, mobiliado com quatro cadeiras de palha, uma velha poltrona estofada, e não tendo por adorno senão duas figuras de gesso, representando Paulo e Virginia, collocadas sobre o fogão entre quatro jarros de jaspe.

A difficuldade que tinha tido em me fazer reconhecer, reunida ao incommodo produzido pela estrada e pela neblina, pôz-me de mau humor, o qual não procurei mesmo occultar. Ordenei desabridamente á governante que me accendesse lume e que preparasse a ceia em quanto eu ia tomar conhecimento do resto da casa.

Pegando então n'um velho e negro castiçal, em que havia um-côto de vela, adornado por uma arandéla de papel comecei a percorrer a habitação do defuncto primo.

Tudo correspondia ao salão em que tinha sido recebido. As tapeçarias desbotadas erão variadas, em algumas partes,

por peças mais novas, que lhes dasão o aspecto de farrapos remendados; os móveis de fórmãs antigas e toscamente trabalhados, apenas guarnecidos imperfeitamente aposentos mal fechados; desvelo, elegancia, commodidade, tudo faltava nesta velha habitação: alli encontrei, segundo a minha opinião, um testemunho eloquente da rusticidade de nossos pais, e mais uma prova de que o bom senso e o bom gosto só tinhamo verdadeiramente começado na nossa geração.

O quarto de dormir, sobre tudo, causou-me abalo: o leito, em forma de ataúde, estava encerrado em quatro cortinas de sarja verde, picadas pela traça; sobre uma mesa, já sem gaveta, achava-se um jarro rachado e uma bacia de mão de diferente cor; finalmente, ao longo da parede, pendião velhos retratos de familia, capazes de causar crises nervosas a um entendedor. Pintados em diversas épocas, representavão personagens de diferentes profissões, entre os quaes notei um ecclesiastico, um commerciante, um juiz, um official, e finalmente um homem gordo semi-bunquez, semi-villão, que a senhora Felicidade me declarou ser o seu defuncto amo.

A discreta governante tinha vindo participar que a ceia estava prompta; segui-a pois para o salão.

A mesa estava posta, e o seu aspecto causou-me impressão. A toalha que, em meu obsequio, tinha sido tirada de um armario reservado, era matizada de riscas amarellentas; os pratos de barro parecião lustrados por immandos arabescos, que provavão o emprego do garfo e das facas; os copos, sem base, não se assimilavão pouco aos copinhos das nossas antigas tabernas; finalmente dous saleiros cambaios offerecião ao commensal, para tempero, sal de cosinha e pimenta pisada.

A senhora Felicidade servio-me de uma magra sopa e os restos de uma gallinha choca a quem a sua maternal solicitude, apenas tinha deixado a pelle e os ossos. A governante declarou-me que era este o sustento diario de seu defuncto amo; mas, por obsequio a mim, augmentou-o com tres maçãs quasi podres e um pedaço de queijo em perfeito estado de putrefacção!

Quiz provar o vinho; era uma surrappa turva fabricada com a ura do refugio.

Mais descontente do que nunca com a minha viagem, decide me a ir para a cama. A velha alumina-me até ao quarto de dormir. O grande leito funebre, os velhos e denegriolos retratos ainda me desagradarão mais do que da primeira vez. Voltei-me então para a minha guia, e perguntei-lhe se havia algum corretor de leilões em...

—Corretor de leilões! repetio ella: não sabemos o que isso seja.

—Pois nunca ha aqui vendas publicas?

—Queira perdoar.

—E como se faz então isso?

—O porteiro da camara faz um pregão por todas as ruas da povoação.

—Pois bem! mande chamar amanhã o porteiro, e diga-lhe, que annuncie a venda de tudo quanto aqui se acha.

—De tudo! Então o senhor não guarda para si cousa alguma?

—Não.

—Nem mesmo as pinturas?

—Nem isso.

—Ah! o senhor de certo não fará tal cousa; olhe que são retratos de familia!

—Já disse que vendo tudo. Boas noites.

Dizendo isto, tirei o castiçal da mão de Felicidade, que saio levantando as mãos ao ceu.

—E que quer ella que eu faça desses pannos esgaratujados? Ah! sim hei de vender-vos, grutescas imagens, ainda que não fosse senão por odio aos tempos que representaes! Este triste interior é vosso: estes costumes de parcimonia e falta de elegancia são os que haveis legado; esta vida, despojada de todos os encantos da civilisação moderna, é a vossa vida perpetuada pela tradição! Fora daqui, barbaros! Nós não somos da mesma raça: entre nós nada ha de commun.

Fallando assim comigo mesmo, dei-tei-me na cama; porém o cansasso e o mau humor afastarão o somno. Peguei no volume da historia, que tinha trazido para me entreter no caminho, e depois no inventario da herança, que o tabellião me tinha entregue.

Tive então uma surpresa mais agradável do que as outras. A importancia total da herança montava a muito mais do que

em suppinha, e tornava-me quasi rico ! Esta inesperada descoberta diminuiu consideravelmente o meu despeito, e começou a tornar mais facil a digestão da pessima ceia que tinha tido. Puz-me a examinar detalhadamente o inventario, até que as cifras começaram a ondear diante das minhas palpebras meio fechadas : por fim, perdi a consciencia do que me cercava.

(Continúa.)

VARIEDADE

Estudantes Alemães e seus duellos.

Já que tratamos de apresentar typos, apresentaremos hoje typos Alemães ; e é para nós occasião de dizer em uma palavra, quaes as suas occupaões, e seus duellos, que derão ao mundo civilisado uma triste idéa do seu progresso e adiantamento. Vamos fallar á cerca dos jovens frequentadores das Universidades.

Um destes duellos consistia no que vamos expôr : por exemplo — na granja de uma estalagem, fóra estão os vigias de atalaia, que são proprios estudantes, prestes a dar signal da appareição da policia.

Para dar motivo ao duello é qualquer cousa futil.... Sômente o que a voz publica apregôa, é que em cada principio de semestre, se organisavão entre os diversos corpos, que se reúnio sob a presidência de um *senior* ; a um signal dado pelo presidente, misturavão-se, injuriavão-se uns aos outros, tomando nota das affrontas, como se fossem promessas feitas n'um baile relativamente a qualquer quadrilha.

Eis os adversarios reunidos. O combate deve durar quinze minutos : no fim delles de direito está terminado..... Os actores são em numero de oito : O imparcial — (*Inparteiescher*) que preside ao combate e que toma a direita entre os mais antigos de um dos corpos que não combatem. — O medico, conserva-se perto para acudir a qualquer eventualidade que se der...., Aquelle que é designado (*ponkauten*) os dois, que são os segundos (*secundaten*), que tem por

fim e dever aparar os golpes, e finalmente as testemunhas (*zeugue*), que teem por missão o regular as diferenças e os detalhes do duello, para interceptar os golpes etc. O combatente está coberto de emplastos e mangas de couro, apertados de maneira que não fiquem expostos aos golpes dos adversarios. O imparcial, colloca-se no centro com uma cadeira de madeira, diante de si. Nesta cadeira, marca os golpes com gesso, outro sim, tendo um relógio na mão elle marca o tempo que decorre.

Os combatentes achão-se diante delle, e ao lado as testemunhas.... Os segundos se aprestão para o combate com a cabeça e o braço preservado por os copos da espada, para suster os golpes. Os demais estudantes são expectadores. No meio delles está o (*paukdoctor*), que já n'um lugar proximo prepara taças, bandejas e as agulhas que se destinão para a ablusão, ligaduras e unguento para as feridas.

O *Imparcial*, dá signal de combate por estas palavras *Silentium ! auf mensur, fertig : las !* (Silencio sobre o terreno, tudo está prompto, parti).... Os duelistas fazem brilhar suas compridas espadas ; os golpes chevem sobre a cabeça ; as passadas succedem-se.

De repente um grito : *halt !* é lançado, parte das testemunhas ou do *Inparteiescher*. O combate cessa momentaneamente.

Esta exclamação surge quando o combate está em todo o seu ardôr, fazem-no cessar desde que uma irregularidade ou um golpe o tornou desigual... Quando é uma ferida que motiva o *halt !* dirigem-se para o ferido e examinão o golpe e se é de cuidado dão a beber ao combatente um trago de grog, e elle continúa.

.... O tempo de demora que leva para examinar o ferido, não entra na conta dos quinze minutos do *Combate regulamentares*. Estes quinze minutos são preenchidos pela luta, e o *Imparcial* com o relógio na mão, regula o tempo do combate..,

Quando os quinze minutos estão passados, o combate qualquer que seja o resultado, de direito está terminado. O *Imparcial*, dá o aviso por estas palavras (*paukereit ex*) — fóra do combate — contão então as feridas e arranhadellas, e escreve-se no livro de cada corpo acade-

mico o numero de ferimentos que é mister para preencher aquellas do corpo adversario. Feridas pequenas a que chamão *blutecken* (gotinha de sangue) não entrão em conta. Não se julgão dignas de menção, se não aquellas que precisão de um emplasto e que tenham a honra de ser numeradas — *Setaes scenas* se dessem no Congo, exclamaríamos — *que Selvagens !*

Illustration.

JOSÉ ANTONIO FERNANDES DA FONSECA.

POESIAS

O meu tormento.

Nas horas longas de uma tarde amena
Minha alma pena no fatal tributo,
E tantas magôas que meu peito encerra
Ninguém na terra lhe pranteia o luto.

Perdi a infancia e com ella a crença
Na luta immensa d'um viver de horror!...
E pouca a pouco vou perdendo a vida,
Triste, abatida qual a murcha flôr.

E tanta gloria que sonhei criança
Tanta esperança que occultei nest'alma!...
Hoje nem sonho de illusões de amor,
Nem murcha flôr de singella palma!...

Viver lutando no correr dos annos
Soffrendo os damnos de infernal traição !
Trocando palmas da união querida,
Por esta vida que não tem perdão ! !

Oh ! Deus eterno ! e eu vivo ainda !
Vergonha infinda para um pai traído !
Vileza, opprobrio de um viver impuro.
Negro futuro de um pensar perdido !...

Para que vivo ? para vêr que um dia
Pallida e fria estenderei a mão...
Carpindo a dôr que as entranhas cõrta
De porta em porta mendigando um pão ! !

Depois... a campa, e o esquecimento...
Nem um lamento nesse leito eterno ! !
Sem um soccorro ! Sem uma oração !
Oh ! maldição ! maldição do inferno.

JOSEPHINA R. Q. P.

A perjura.

Da mulher a jura e perpassar da brisa
Que meigamente, balança a flor;
Da mulher a jura é scintillar da estrella
Que mostra o brilho mas occulta a cor.

Da mulher a jura é desabrochar da roza
Que após colhida desfolhando vai;
Da mulher a jura é formar das vagas
Que mostra o dorso e n'um beijar s'esvae.

Jurastes arrelhanjo um amor constante
Mas tua jura foi cruel delirio!...
Traistes ingrata e no jurar fingido;
Nada me resta que cruel martyrio.

Hoje desrido só me resta a endeixa,
Que o peito solta ao descalhar da vida;
Amei, fui louco! pois trahido sempre,
Nada me resta que cruento lida.

Talvez encontre junto á campã fria,
Alma a meu peito de soffrir cansado;
Encontre um alma como eu descrente
Que de-me um riso, um amor sagrado.

I. B. G. Lobo Pirra.

Palestra.

Chegas a proposito, caro Alfredo, pois
dispunha-me a sair para ver se en-
contrava.

Já vez que somos duas almas formadas
uma para outra, em todas duas ha o mes-
mo gozo, e o mesmo pensamento, mas
que tens tu? parece que estás aborrecido
ou dominado por alguma... daquellas
que sabemos gim! adivinhei?

Não, caro Jorge: tu ainda que pouco és
mais novo do que eu, demais sei que não
te zangas comigo por te dizer que foste
injasto e muito velloso pela maneira que
fizeste a descripção de um baile que teve
lugar na rua da Lapa...

Já sei o que me vens dizer, porém ade-
virto-te, que sou mais novo que tu, mas
tenho mais animosidade, aquillo que disse
foi um mero gracejo!... nada mais; e
tanto assim que já fallei com o irmão,
não me quiz attender, com tudo não jul-
guei que aquellas linhas feitas com...

Sem intenção de offensa, acredito mas
não dexas ser tão austero e precipitado.

Deveria ter comiseracão com toda essa
gente? Jorge se nos deixamos illudir com
as palavras desses *sarrafistas* então seria-
mos nós apupados no meio da praça pelos
mesmos que pompamos; dirá agora o
muado; eis ali um rapaz que leva a vida
criticando da sociedade, mais tarde po-

derá dizer, cortou pela imprensa muitos
erros e abuzos praticados pela *corrupção*
da época.

Olha Alfredo, disse Jorge. Ah! vem o
Pinto, e para nós se encaminha.

Qual Pinto?

O da rua dos Ourives, respondeu Jorge.

Ora vivão meus senhores não julga-
o como estão satisfeito pelos encontrar jun-
tos, disse o novo recém-chegado.

Vós por aqui, disse Jorge, é grande no-
vidade, ainda não ha muito que me dis-
seste que estás ha dous annos nessa casa
e ainda não te mandarão passejar um só
domingo.

E' bem verdade, e hoje como sempre
tenia de ficar em casa, se meu *bojudo* amo
não tivesse o *descoco* de me mandar re-
ceber dinheiro ao domingo!

Receber dinheiro? ao domingo! n'um
dia Santificado! ten amo ou está *enforca-*
do ou tem a cabeça desorganizada como
a machina do meu relógio, disse Alfredo.

Decididamente, disse Pinto, von ver se
arranjo uma casa *Franceza*.

Franceza disse Jorge, porém consta-
me que essas são as de mais sugeição.

Sugeição! disse Pinto: pois bem, para
contestar o contrario citei um exemplo:
Ha na rua dos Ourives uma casa *Fran-*
ceza de perfumarias, costuras e modas,
que o caixeiro della fuma, passeia quando
quer, quando não quer senta-se, pagodêa,
brinca, e na ausencia do amo que foi para
fôr e não está á testa do negocio, pare-
ce-me que até monta a cavallo, agora a
madama senhora da casa é um anjo juvenil,
amoral e bem *fazeia* para proteger o seu...
proximo, para coroar esta obra o caixe-
iro usa de luneta de dous bicos, quero di-
zer, de dous vidros! o que o faz interes-
sante é a cara espurgada como uma bata-
ta e magro como um *Gulfo*, que parece um
macaco domesticado, ou a morte em cami-
nho, quando vai por termo a algum Chris-
tão.

Mostras-me esse sujeito? disse Jorge.
Até pretendo cantal-o em verso.

Pois tu és poeta!... Olha que é um mal
contagioso!... uma molestia terrivel, se
não fosse tanta *mania* espedicada não
estaria tanta gente no *Hospicio de D. Pe-*
dro II. (Que Deus haja me livrar de lá ir,
ao menos em quanto tiver juizo).

Alto lá meu Alfredo, nunca almejei tal
nome, contado limitei-me a fazer al-
gumas decimas cujo principio é este,
ei-lo:

Na rua de muito ouro
Casa numero meio cento,
A um caixeiro noventa.
Que precisa muito couro,
Ou de junco muito estouro,
Porque é um *safadão*:
Não se lembra o *malandrão*,
Que já andou de sacola;
A pedir uma esmola
Com um cego pela mão.

Bravo!... muito bem! quero que me
faças uns versinhos a um cujo que já foi
presidente da *Sociedade Trianta e Um de*
Outubro.

Será o *Clemente*? perguntou Pinto.

Conheces esse sujeito?

Quem não conhece o *Clemente*, o dig-
nissimo *Clemente*, esse refugio da socie-
dade!... a Trianta e Um de Outubro com-
posta de tantos e tão illustados jovens,
não devião ter em seu grêmio um verme,
cujo alito e peconha pôde manchar a
mais bem fundada reputação!... depois
disso esse *celebre* consta-me que ainda
não pagou a uma das damas, tendo com-
tudo recebido já os *crebres*, porém elle
unhaço empalmou-as para pagar talvez
ao alfaiate, e segundo me dizem... ai...
ai... ai...

O que tens? que é isso? disse Jorge.

Oscallos, os callos... dei agora uma to-
pada, malditos callos.

Mas continua, o que ias dizendo agora
disse Alfredo.

Segundo me dizem não é lá do *tamu-*
nio da torre da Candelaria, mas também
não é *peguerruchita*, e como esse *misera-*
vel se não conhece a si proprio e tu me
me pediste um verso, offereço-lhe este,
ei-lo:

Se vejo certo banana,
Com prosa de *thesoureiro*
Na venda bebendo canna,
E sendo mór *azeiteiro*.
De *caraus* concertador,
E de *gaz* encanador,
Comendo angû em cacos;
En lhe digo meu amigo,
Não me conformo contigo,
Antes pentear macacos.

Explicação do Enigma no numero antecedente:
Os grandes casamentos são feitos por letra de
cambio.

Rio de Janeiro.

Typ. Economica, rua dos Lateiros n. 34.